

Universidade tem primeiro Programa nota 7 na Capes

PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO – CONCEITO CAPES 2010

Conceito 7

Educação

Conceito 6

Biociências; Direito; Saúde Coletiva

Conceito 5

Ecologia e Evolução; Odontologia; Políticas Públicas e Formação Humana; Serviço Social

Conceito 4

Artes; Ciências Econômicas; Comunicação; Design; Engenharia Química; Geografia

A avaliação relativa ao triênio 2007-2009 feita pelas coordenações de área da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), mostrou resultado favorável para a universidade: o Programa de Pós-Graduação em Educação alcançou o conceito máximo (nota 7) e 13 programas (cerca de 28% do total de cursos de pós existentes no País) aumentaram as suas notas. Com isso, a média da UERJ ficou acima do percentual nacional, já que de todos os cursos avaliados no Brasil, 19% aumentaram a pontuação. As notas 6 e 7, segundo o relatório da Capes, indicam desempenho de referência e de inserção internacional.

> Página 7

Prêmio na Espanha

Clayton Portela de Souza, aluno de Biologia, foi escolhido o melhor estudante estrangeiro de graduação no programa de mobilidade internacional depois de estudar dois semestres na Universidade de Jaén.

> Página 3

Docentes estrangeiros no campus

O *UERJ em Questão* entrevistou alguns dos 58 professores de outros países que lecionam na Universidade para conhecer um pouco das suas histórias de vida, as razões que os trouxeram para o Brasil e suas impressões da vida no Rio de Janeiro. O resultado são histórias que envolvem admiração pelo País e superação pessoal.

> Página 4 e 5

2.500 estudantes visitam a 21ª edição do UERJ Sem Muros

Maior exposição da produção acadêmica da Universidade nas diferentes áreas de conhecimento, a 21ª edição do UERJ Sem Muros recebeu em 2010 alunos e professores de pelo menos 50 escolas públicas e particulares de todo o estado. Mais de 540 projetos orientados por cerca de 500 professores participaram do evento, que teve cobertura em tempo real para os *campi* Maracanã e Caxias.

> Página 10



Professor Emérito

No dia 30 de setembro de 2010, o Prof. Ricardo Lira recebeu o diploma de professor emérito. Confira nesta edição trechos do seu discurso.

> Página 12



Ecomuseu

Projeto reúne quatro unidades no *campus* Ilha Grande: o Museu do Cárcere, o Museu do Meio Ambiente, o Parque Botânico e o Centro Multimídia.

> Página 14

Prodocência 2010

A Sub-reitoria de Graduação comemora a concessão de verbas para o primeiro projeto institucional apresentado ao Programa de Consolidação das Licenciaturas.

> Página 15

> EDITORIAL

Cenas da academia

O *UERJ em Questão* deste trimestre apresenta uma grande reportagem sobre o lado internacional da Universidade. Em 2010 o Departamento de Cooperação Internacional registrou 40 alunos estrangeiros no *campus* e 71 alunos da UERJ espalhados pelo mundo, em cursos de graduação via intercâmbio, resultado de convênios renovados e os novos: em 2008 eram 100, atualmente são mais de 150 convênios.

Um exemplo é a parceria entre a UERJ e a Universidade de Jaén (Espanha). Para trocar experiências, alunos da primeira turma do intercâmbio reuniram-se em agosto com os estudantes selecionados para o segundo grupo, na Espanha desde setembro. Em outra ponte intercultural, o *UERJ em Questão* verificou que, dos mais de 2.100 professores efetivos da UERJ, aproximadamente 60 não nasceram no Brasil. Entrevistas com alguns desses docentes revelam histórias de vida, motivos que os trouxeram ao Brasil e impressões da cidade.

O avanço de cursos de pós-graduação da universidade, que melhoraram as suas notas na avaliação trienal da Capes divulgada em setembro, também faz parte desta edição, com destaque para o primeiro curso nota 7 – o Programa de Pós-graduação em Educação. Dois momentos distintos na vivência universitária também são apontados aqui: na reprodução de trechos do discurso do novo professor emérito da UERJ, o advogado Ricardo Lira, e no texto sobre as estudantes de iniciação científica que

participaram pela primeira vez de uma reunião da SBPC. Em setembro a Universidade abriu mais uma vez as suas portas para uma maratona de cinco dias de atividades de ensino, extensão e pesquisa na 21ª edição do UERJ Sem Muros. Maior exposição da produção acadêmica da instituição nas diferentes áreas de conhecimento, a programação do evento movimentou cerca de 2.500 estudantes e se caracterizou pela diversidade.

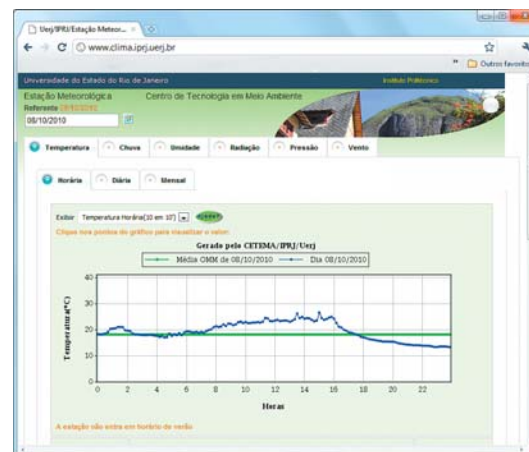
A investigação científica na universidade é tema de duas matérias. A primeira trata de pesquisas desenvolvidas no *campus* regional de Resende, de como o uso da luz solar e de óxido de titânio para quebrar moléculas poluentes e o de carvão ativado para monitorar a poluição contribuem para garantir que o rio Paraíba do Sul se torne mais limpo no futuro. A segunda faz um relato das atividades do Laboratório de Telessaúde: com projetos de educação a distância e atenção à saúde, o Laboratório organiza teleconferências e teleassistências que transformam a UERJ em instituição aglutinadora de profissionais da área de saúde que assim garantem sua eficácia em casos e diagnósticos complexos. O conjunto de informações reunidas neste número é completado pelas notícias do recebimento de verbas das agências de fomento para o Prodocência, para o Ecomuseu no *campus* Ilha Grande, pelos lançamentos editoriais da Eduerj e pelo resgate histórico dos últimos 20 anos da Universidade (1990-2010).

> PELOS CAMPI

Projeto de extensão do IPRJ monitora clima da região

O Instituto Politécnico do Rio de Janeiro (IPRJ), localizado no *campus* Nova Friburgo e situado em parque ambiental com área de Mata Atlântica, realiza por meio do seu Centro de Tecnologia em Meio Ambiente (CETEMA) estudos relacionados a questões ambientais.

O CETEMA é resultado de um projeto de extensão criado no final de 2007 com apoio da Faperj. Segundo o atual Coordenador, professor Pedro Paulo Watts Rodrigues, está centrado no desenvolvimento de ferramentas de análise, prognóstico e monitoramento ambiental. Dentre os trabalhos re-



alizados pelo Centro de Tecnologia em Meio Ambiente (CETEMA) está o *Clima*, site desenvolvido no Laboratório de Tecnologia da Informação do IPRJ, que faz monitoramento meteorológico e fornece em tempo real dados como temperatura, chuva, umidade do ar, radiação solar, pressão atmosférica e vento.

As informações disponibilizadas em <http://www.clima.iprj.uerj.br> começaram a ser coletadas em outubro de 2008 pela Estação Meteorológica do CETEMA, criada para auxiliar projetos de cunho meteorológico, climatológico, hidrológico e de pesquisas ambientais

a serem executadas na região centro-norte fluminense.

O professor Ricardo Calheiros de Miranda, responsável pelo conteúdo do *Clima*, explica que o objetivo é ter uma estação meteorológica monitorando e coletando informações. Para isso criaram uma página que “foge dos padrões usuais” e tem caráter educativo: “Também oferece um glossário para quem acessa o *site* poder entender o que significa cada elemento”, informa o professor. A nova versão do *Clima*, a 1.0, foi inaugurada em maio deste ano, com pequenos ajustes de exposição e visualização dos dados.

NUPEC, uma forma diferente de lecionar

Preocupada em desenvolver estratégias de ensino inovadoras a Faculdade de Formação de Professores, localizada no *campus* São Gonçalo, elabora projetos voltados para a educação em ciências por meio do Núcleo de Pesquisa e Ensino de Ciências (NUPEC), projeto multidisciplinar de pesquisa, ensino e extensão que começou suas atividades no início de 2009.

Segundo o professor Ricardo Tadeu Santori, um dos seus fundadores e atual membro da comissão de infra-estrutura e projetos, a ideia foi construir um espaço para desenvolver metodologias pioneiras no ensino de

ciências, organizar cursos para professores do Ensino Médio e Fundamental e receber alunos. “Nossa proposta é constituirmos um centro de referência na área de ensino de ciência para o estado”, explica Santori.

No NUPEC são produzidos materiais didáticos (vídeos, jogos, maquetes e guias de locais de educação não formal como museus, jardins zoológicos e parques nacionais). Todo o material é disponibilizado gratuitamente para a comunidade escolar da região e visa sempre algum tipo de aula diferente, que aborde os diversos temas sobre outra ótica.

Além da parceria com dez es-

colas públicas da região e com o CEFET e do apoio da Finep e da Faperj, o NUPEC está fechando um convênio com o Canal Futura, disponível na TV aberta pelo canal 18 UHF para São Gonçalo e Niterói. Segundo o professor Santori, será feito um acordo de cooperação técnica e intercâmbio de conteúdo. “Além da divulgação da produção da FFP na grande mídia, o Canal Futura nos ajudará na parte técnica da produção acadêmica de vídeos educativos. Com isso, nossa ilha de edição será montada e teremos alunos do Núcleo recebendo treinamento para operar o equipamento”, comemora.



Reitor: Ricardo Vieira Vice-Reitora: Christina Maioli

Diretoria de Comunicação Social • Direção: Sonia Virgínia Moreira Edição: Sonia Virgínia Moreira Pauta: Carlos Moreno e Graça Louzada Reportagem: Janaina Soares, Lúcia Dantas, Karen Candido, Mariana Pelegrini, Mônica Sousa, Shenara Pantaleão e Zelia Prado Estagiários: Aline Ferreira, Carlos Maestre, Layssace Prazeres e Luana Gomes Fotos: Thiago Facina Projeto Gráfico e editoração: Rafael Bezerra • Tiragem: 10.000 exemplares Impressão: Infoglobo • Contatos: 21 2334-0638 e comuns@uerj.br

The typeface Ingleby is designed by David Engelby and is available at dafont.com. David Engelby has the creative, intellectual ownership of the original design of Ingleby



Alunos de intercâmbio trocam experiências e falam dos benefícios de estudar no exterior

A parceria entre a UERJ e a Universidade de Jaén (Espanha) já apresenta resultados. Alunos da primeira turma do intercâmbio reuniram-se no dia 19 de agosto com os estudantes selecionados para integrar o segundo grupo, que embarcou para a Espanha em setembro. Participaram também do encontro, cujo objetivo foi a troca de experiências, representantes do Departamento de Cooperação Internacional (DCI). Os veteranos relataram seu dia a dia na província espanhola e deram dicas ao novo grupo quanto a moradia, formas de avaliação da universidade, alimentação, pontos turísticos e administração do dinheiro.

Entre os critérios de seleção dos alunos que participam do intercâmbio estão: coeficiente de rendimento acima de oito, bons conhecimentos da língua espanhola e baixa renda. Para concorrer às vagas, os estudantes passam por duas seleções: uma feita pelo centro setorial ao qual pertencem e outra pelo DCI. “Inicialmente, foram oferecidas seis vagas, mas eles gostaram tanto dos nossos alunos que aumentaram para sete”, informou Oscar Rocha Barbosa, assessor do DCI. Os selecionados recebem ajuda de custo de € 2 mil. A



O Reitor da UERJ e a Vice-reitora de Relações Internacionais da Universidade de Jaén, na cerimônia de recepção aos alunos estrangeiros na Espanha

duração do intercâmbio varia de seis a dez meses.

Além da experiência de estudar em outro país, os jovens citam como benefício a possibilidade de equivalência curricular e complemento do histórico. “Tive oportunidade de aprender coisas que não aprenderia em nenhuma universidade brasileira”, disse Thierry Gregório. Para o estudante de Ciências Atuariais, o intercâmbio proporcionou, além da experiência de

estudo e de convivência com outras culturas, fluência na língua espanhola. “Com o certificado do DELE (Diploma de Espanhol como Língua Estrangeira), estou tendo a oportunidade de dar aulas de espanhol. Mais importante do que o estudo foi a experiência de vida que adquiri”, afirmou. Clayton de Souza conta que pôde conhecer um outro lado da biologia. “É um aprendizado único. Por mais que você seja responsável no dia a dia, passa a assu-

mir outras responsabilidades. Representamos o nosso país e a universidade”, declarou.

Segundo Milena Meirelles, a experiência foi importante como crescimento pessoal e profissional. “Quando retornei, passei em todas as seleções de estágios nas quais me inscrevi. Na empresa onde estagio atualmente, que era com a qual sonhava, estou na área de consultoria com países da América Latina e sou eu que entro em contato com todos os clientes desses países. Eu não conseguiria se não tivesse viajado”, disse. Sheila de Oliveira estava no último período do curso de Psicologia quando decidiu adiar a formatura e estudar na Espanha. “Não abri mão da oportunidade. Cursei disciplinas totalmente diferentes, já que a linha teórica da Psicologia da Universidade de Jaén possui outro viés”, comparou.

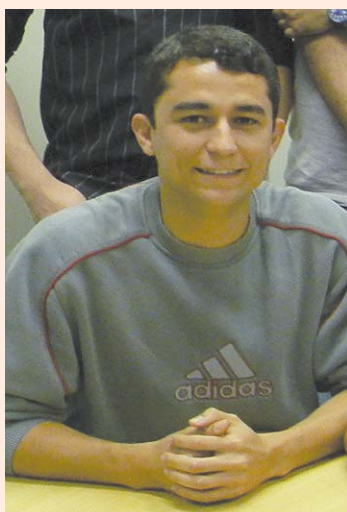
Integrantes brasileiros

Fizeram parte da primeira turma: Clayton Portela de Souza (Biologia), Diego Miguel Ferreira Cardoso (Direito), Geysa Gonçalves Rodrigues de Souza (Artes), Milena de Oliveira Meirelles (Engenharia de Produção), Sheila Melo de Oliveira (Psicologia) e Thierry Farias da Silva Gregório (Ciências Atuariais). Embarca-

ram para Jaén no início de setembro: Beatriz Rodriguez Sequeiros Belotti (Biologia), Érick Braga Valentim (Ciências Atuariais), Juliana de Souza Nogueira (Biologia), Mariana Guerini de Mello (Direito), Paulo Sergio Chaves Arantes Junqueira Junior (Engenharia Química), Pricilla Prazeres Oliveira de Moraes (Letras) e Thiago Bastos de Souza (História).

Estudantes estrangeiros

No dia 9 de setembro, foi a vez de a UERJ recepcionar os alunos que vieram de outros países para estudar na Universidade. Diretora do DCI, Cristina Russi, deu as boas-vindas aos intercambistas e apresentou dados da Instituição. Jairo Leal, representante da Sub-reitoria de Graduação (SR1), apresentou as características da Universidade. “A UERJ é uma universidade de qualidade reconhecida. Ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo. Nós também aprendemos com vocês. Quando acolhemos pessoas de outros países, esperamos que haja troca de conhecimento”, afirmou o professor, parafraseando o educador Paulo Freire. A UERJ recebeu 30 estudantes, sendo 18 de Portugal, quatro da França, três da Espanha, dois da Alemanha, um da Itália, um da Holanda e um do Japão.



ALUNO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS É PREMIADO NA ESPANHA

Após ter cursado dois semestres na Universidade de Jaén, Clayton Portela de Souza foi escolhido o melhor estudante estrangeiro de mobilidade internacional com o resto do mundo no período 2009/2010. A notícia foi recebida com surpresa pelo estudante de Biologia, agraciado pelo seu bom desempenho acadêmico com certificado de € 135. “Estou muito contente. É um reconhecimento

pelo meu esforço e uma realização para mim. Abri mão de muitas coisas nesses dois semestres fora do Brasil, fiquei longe dos meus pais, da minha namorada, dos meus amigos...”, disse Clayton, que ingressou na UERJ por meio de cota da rede pública.

No dia da cerimônia de recepção aos novos alunos de intercâmbio na Universidade de Jaén, Clayton foi um convidado espe-

cial. Ele participou via internet e deu seu depoimento aos novos alunos de intercâmbio sobre sua experiência. Licenciado em Ciências Biológicas, ele cursa agora bacharelado na mesma área, com previsão de concluí-lo no próximo semestre com um trabalho sobre entomologia (em especial a dos besouros), matéria na qual está se especializando.

Segundo a Vice-reitora de Co-

operação e Relações Internacionais Maria Victoria López-Ramon, da Universidade de Jaén, “o intercâmbio com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro tem sido um êxito porque os alunos chegam muito bem preparados, falam o idioma e são bastante dedicados”. Ela explicou que os estudantes recebem bolsa de um programa de cooperação e desenvolvimento no valor de € 2.000 por semestre.

Docência

Os vários idiomas da universidade

Dos mais de 2.100 professores efetivos da UERJ, 58 não nasceram no Brasil. O *UERJ em Questão* conversou com alguns desses docentes para conhecer um pouco suas histórias de vida, os motivos que os trouxeram ao Brasil e suas impressões. O resultado são histórias que misturam admiração pelo País, superação pessoal e perfis de profissionais que se tornaram referência em sua área de estudo a partir de um olhar estrangeiro sobre o Brasil.

Há apenas um ano no Rio, a professora do Instituto de Química Luz Amparo Santos deixou a Colômbia porque conheceu um brasileiro, com quem se casou. “Eu era professora da Universidade de Antioquia e vim ao Brasil para fazer pesquisa”, conta a colombiana, cujo marido é pesquisador da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Sobre sua adaptação ao novo país, Luz diz enfrentar dificuldades nas relações sociais: “Quando vou comprar algo, por exemplo, as pessoas não me entendem ou acham que não vou entendê-las... Mas trabalhar na UERJ tem sido importante para mim porque começo a me relacionar com diferentes pessoas. Na sala de aula, procuro falar devagar e repito quando algum aluno não entende”, completa Luz com um português articulado com sotaque espanhol.

Andres Papa é professor de Física da Universidade de Havana e chegou ao Brasil em 1993. Naturalizado brasileiro, foram vários os motivos que o trouxeram ao país: “A situação econômica de Cuba estava, como até hoje, muito deteriorada”, conta. Outra motivação foi a possibilidade de fazer doutorado no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF). “O Brasil sempre chamou minha atenção pela música e outras coisas – possivelmente, é o país mais parecido com Cuba, mesmo que os idiomas sejam diferentes. A mistura é perfeita”, diz ele, que já tem família no Brasil. A oportunidade de lecionar na UERJ surgiu antes como professor substituto e, em 2004, via concurso público. O aprendizado da língua portuguesa aconteceu quando lecionou Física na Universidade de Luanda, em 1986. “Morei durante quase um ano em Angola e aprendi a língua dando aulas e assistindo a novela Roque Santeiro, que passou lá entre 1986 e 1987”.

A paraguaia Ada López Giménez, recém-contratada pelo Instituto de Física, chegou ao Brasil em 1993 para fazer mestrado também no CBPF por meio de convênio com o Centro Latino-Americano de Física (CLAF). “No Paraguai, o único curso de Física é o bacharelado na Universidade Nacional de Assunção. Depois da graduação não temos como fazer mestrado e doutorado. Assim, terminada a graduação em 1991 fiz curso de didática universitária e em 1993 vim para o Brasil”, relata. Ada conta que aprendeu o português no Centro de Estudos Brasileiros, em Assunção, mas ao chegar aqui viu que o idioma falado era muito diferente do aprendido. A professora conta que veio sozinha para o Rio e foi morar em Copacabana. “Visitava o meu país todos os meses”, revela. Depois do mestrado, ela retornou ao Paraguai, mas dois anos depois Ada sentiu falta de estudar mais e como no Paraguai não havia campo para pesquisa na área, “em 1999 voltei ao Rio de Janeiro e em 2000 comecei o doutorado no CBPF”, diz a professora, que se casou com um físico carioca e é mãe de um menino de três anos. Depois de trabalhar como professora visitante da UERJ ela foi aprovada em concurso em 2010 e diz ter sido bem recebida. “Encontrei pessoas que me ajudaram bastante no Brasil. Sou muito grata ao povo brasileiro, este é o país que escolhi para viver e estou muito satisfeita na UERJ”, afirma a professora, que diz só se incomodar quando ouve comentários maldosos sobre sua terra natal: “A imagem que alguns brasileiros têm do Paraguai não corresponde à realidade”, observa.

O sociólogo Ignacio Cano, referência em violência urbana, veio para o Brasil em 1996, depois de conhecer uma brasileira nos Estados Unidos, onde cursava o pós-doutorado. “Vim sem trabalho e acho o Brasil muito hospitaleiro do ponto de vista profissional. Sem praticamente conhecer ninguém tive condições de fazer uma carreira”, avalia. “Já morei em diversos países, inclusive da América Central, e lá não havia demanda qualificada para o que faço. O Brasil tem demanda qualificada e, ao mesmo tempo, não possui muitos especialistas, o que faz com que nos sintamos mais útil”, conta o sociólogo espanhol. Ele diz ter sofrido pressões políticas por pesquisar o tema violência policial. No Brasil, ele começou trabalhan-

do na ONG Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER) e em seguida recebeu o convite para fazer uma pesquisa sobre violência policial: “A pesquisa teve repercussão e sofreu muita pressão, mas me fez sentir que estava investigando algo de relevância para a realidade local”. Quanto às diferenças culturais, ele aponta algumas expressões da língua portuguesa. “No início, ao ligar para determinados lugares, ouvia ‘pois não’ e me calava, mas só depois fui entender que significava na realidade ‘pois sim’”, diz. Pesquisador do Laboratório de Análise da Violência da UERJ, o sociólogo chama a atenção para um paradoxo na cidade. “O Rio é uma cidade linda e ao mesmo tempo cruel. Sinto-me muito privilegiado por poder fazer um trabalho sério. O importante é nunca pararmos de nos escandalizar, acharmos esses fatos normais”, alerta.

Joel Christopher Creed chegou ao Brasil em 1995. O motivo? Anos antes ele havia conhecido uma brasileira, colega de doutorado em botânica marinha, na Universidade de Liverpool (Inglaterra), e com quem se casou antes de vir para o Brasil. No início, como não tinha emprego, Joel surfava pela manhã e, depois, comprava jornal para praticar a leitura. “À tarde assistia novelas no Vale a Pena Ver de Novo para entender a parte oral”, revela o professor, que já falava espanhol. Sobre sua adaptação na cidade, ele diz que não teve dificuldade, gostou do estilo de vida no Rio. “Quando cheguei, ganhei o livro *How to be a Carioca*, que mostra um estereótipo engraçado e me ajudou também a entender mais o Rio de Janeiro”, diz o professor, que aponta a falta de gentileza no trânsito como um dos problemas da cidade. Antes de se dedicar ao ensino e à pesquisa da ecologia marinha na UERJ, Joel foi pesquisador visitante no Jardim Botânico e no Museu Nacional.

Nascida na Argélia, a professora Nadia Nedjah tinha terminado o doutorado na Inglaterra, no Institute of Science and Technology, quando soube da existência de uma bolsa da Faperj por meio da professora Luiza de Macedo Mourelle, colega de doutorado e professora da Faculdade de Engenharia da UERJ. “Vim para uma pesquisa de um ano e depois retornaria para a Argélia”, diz a docente, que chegou ao Brasil em 1998 e foi professora visitante na Universidade.

Em 2005, foi novamente professora visitante no Departamento de Eletrônica da UERJ. Desde 2008, aprovada em concurso, é professora efetiva. Segundo Nadia – que também é fluente em árabe, francês e inglês – o português praticamente sem sotaque foi aprendido em curso intensivo na UFRJ. “Depois de três meses comecei a dar aulas. Foi um aprendizado acelerado por necessidade”, diz. Ela conta que seu sonho era estudar Medicina, mas como na Argélia os estudantes são encaminhados para os cursos de acordo com o perfil do aluno e a necessidade de profissionais no país, terminou por estudar Engenharia. O lado profissional fez com que a argelina se radicasse no Brasil: “Poderia ter ficado na Inglaterra ou ido para a França, mas uma pessoa que usa o *hijab* (lenço islâmico), do qual não abro mão, ficaria subutilizada, sem exercer trabalho no nível de doutor”, explica. “No Brasil, as pessoas nos tratam igual, ignoram a fisionomia e o *background* cultural, o que gostei – tanto que fui ficando”, completa. “Agradeço muito à UERJ por me aceitar. Tenho muito carinho por esta Universidade. Poderia ter feito concurso para outras instituições, mas esperei abrir vaga aqui”.

Veteranos

A professora de espanhol Beatriz Sanchez não lembra ao certo a data de chegada ao Brasil. “Já nem faço a conta”, diz a argentina. “Vim para cá porque meu marido, que também é argentino, recebeu uma proposta de trabalho. Éramos novos e tínhamos dois filhos. Fomos ficando, ficando... até hoje”, diverte-se. A portenha conta que trabalhar na UERJ é uma realização profissional. Antes de começar a lecionar aqui, porém, a professora (formada inicialmente em Psicologia e Fonoaudiologia) deu aulas de espanhol em curso de idiomas. “Meu percurso é atípico. Graduei-me em Letras em uma universidade particular”, relata a docente, que entrou para o Instituto de Letras por meio de concurso em 2008, depois de ter sido professora substituta por três anos. A família Sanchez já possui um integrante brasileiro: o terceiro filho de Beatriz nasceu no Brasil.

Professor da Faculdade de Ciências Econômicas, Carlos Samanez deixou o Peru em 1981 para fazer mestrado em Engenharia de

MAPA DOS PROFESSORES ESTRANGEIROS NA UERJ

Números: **58** PROFESSORES DE **17** PAÍSES



Produção na PUC-Rio. “Ao terminar o curso, fui convidado para ser professor da universidade”, conta ele. À UERJ, Samanez chegou em 1995, quando terminou o doutorado em Administração. “Tenho mais tempo no Brasil do que no meu país”, diz Samanez, naturalizado brasileiro e casado com uma espanhola. Quanto à sua adaptação, o peruano a classifica como tranquila e acrescenta que os alunos não tiveram muita dificuldade de entendimento. “Gosto muito do estilo de vida dos brasileiros, especialmente pelo fato de não serem provincianos. O estrangeiro é assimilado rapidamente aqui, diferente de outros países”, destaca. Perguntado sobre o maior problema do País, Samanez aponta a violência: “Isso atrapalha a vida de todos. Noto uma deterioração da vida urbana em vários aspectos. O Rio de Janeiro é uma cidade linda, mas muito suja”, argumenta. Ele critica também o fato de o País não ter feito “as reformas que deveria para alavancar o crescimento. A carga tributária é de quase 40% e nada é feito. O brasileiro trabalha de janeiro a junho para pagar impostos e fica por isso mesmo. Existe corrupção na política e o povo não se manifesta. A população está anestesiada”, analisa.

A professora de italiano Maria Franca Zuccarello ainda guarda na memória o dia exato em que chegou ao Brasil: 13 de junho de 1972. “Tinha cinco tios maternos que moravam aqui”, diz ela, que levou um ano no Brasil para falar uma palavra em português. Ela cursou o equivalente ao atual Ensino Médio no Brasil e se considera “cria” da UERJ: “Não foi fácil porque, quando comecei a faculdade, falava mais italiano do que português. Tirava notas boas, mas me sacrificava”, conta Maria Franca, que se formou em 1978 e em 1981 retornou à Universidade como professora do Instituto de

Letras. Antes de lecionar na Universidade, ela trabalhou como recepcionista em uma clínica para crianças. “Isso me deu uma base sólida no idioma. Não esqueço quando um menino disse: ‘o s dela é tão diferente, né mãe?’. “Ali comecei a me esforçar para que a minha pronúncia de aproximasse mais à do carioca”, lembra. Na UERJ, são 30 anos de magistério. “Eu poderia estar aposentada, já ganhei a medalha dos 25 anos”, orgulha-se a italiana, que pensa agora em fazer pós-doutorado. Sobre a sua admiração pelo Brasil, a professora destaca a capacidade do brasileiro de “fazer piada com as próprias desgraças” e critica a violência. “Depois de 15 anos, não dirijo mais porque me sinto incapaz. O Rio é uma cidade única, pena que esteja tão largada”, lastima Maria Franca, que tem dupla cidadania, é casada com um descendente de portugueses e mãe de uma brasileira. “Brinco que sou mais carioca do que italiana porque tenho mais tempo de vida aqui do que lá”, finaliza.

O japonês Akihisa Motoki também se recorda do dia exato em que chegou ao Brasil: 1º de agosto de 1979. Hoje professor do Departamento de Mineralogia e Petrologia Ígnea da Faculdade de Geologia da UERJ, ele veio cursar o doutorado na Universidade de São Paulo aos 25 anos com promessa de bolsa de estudo. “Mas ao chegar aqui a bolsa foi eliminada: perdi a bolsa e as condições para retornar ao Japão”, conta Motoki, que depois conseguiu uma bolsa do CNPq, o que o motivou a permanecer no Brasil. Ele aprendeu português sozinho: “Na época, a língua portuguesa era pouco conhecida no Japão. Só havia dois cursos no país e não eram na minha cidade. Então, estudei durante um ano com livro e fita cassete – e continuei estudando até hoje”, relata. Em São Paulo, o pesquisador não conseguiu se

adaptar à comunidade de imigrantes japoneses. “Na colônia, professor que vem do Japão em geral é para ensinar japonês, o que não é o meu caso. Também não sou engenheiro agrônomo, como muitos japoneses que moram no Brasil”, compara. Motoki começou a dar aulas como professor visitante na UERJ em 1984 e também lecionou na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Nos mais de 30 anos de Brasil, Motoki diz ter testemunhado uma revolução. “Hoje o Brasil está mais sério”, diz. Em relação ao que mais gosta no Brasil, Motoki responde rapidamente: “churrasco” – e revela que cada vez menos come comida japonesa. “Os donos dos restaurantes e os cozinheiros não são japoneses e a comida segue mais os estilos americano e chinês”, diz o professor, casado com uma brasileira e pai de dois filhos, um deles estudante de Geofísica na Universidade Federal Fluminense.

Timothy Peter Moulton chegou ao Brasil em 1986 para um congresso sobre algas marinhas e encantou-se por uma brasileira, com quem se casou. “Não falava nada de português. Tinha uma ignorância quase total do Brasil, exceto que gostava muito de Bossa Nova e sabia as letras das canções em inglês”, diz o australiano, então professor da Universidade de Macquarie. Ele teve de se adaptar rapidamente porque foi morar e pesquisar na Ilha do Cardoso, litoral sul de São Paulo. “Moramos lá por seis anos em uma unidade de pesquisa”. Ao se mudar para a ilha, teve que alterar sua área de pesquisa pela terceira vez: “No doutorado, estudei ecologia de fogo em florestas. Na Ilha do Cardoso, como não tinha fogo e nem hipersalinidade, fui obrigado a mudar completamente de campo. Mas sempre digo que um bom ecólogo deve poder aplicar os princípios da ecologia a qualquer ecossis-

tema que deseja estudar”, justifica. Na ilha, Timothy tinha contato com pesquisadores da UERJ – fazer concurso para a Universidade foi um passo natural. Timothy admira o estilo de vida do brasileiro: “É uma combinação de vitalidade e bom humor face às dificuldades”.

A história do português João Varges com o Brasil e a UERJ é um pouco diferente. Veio para o Brasil em dezembro de 1979 para morar com o irmão mais velho, que vivia no Rio e enviou uma carta convidando-o para trabalhar com ele no Brasil em um armazém de couro. Varges aceitou o convite. Treze meses depois, sua esposa e seus dois filhos vieram também. Em 1982 decidiu cursar informática na UERJ, carreira nova naquela época: “Quando estava terminando a graduação fui convidado para trabalhar no Laboratório de Informática e, em 1986, fui contratado como professor visitante. No final do mesmo ano fiz concurso e passei, sendo o primeiro professor com formação na área”, orgulha-se. O português lamenta, porém, o fato de não ter conseguido fazer o mestrado. “Passei para a área de inteligência artificial na UFRJ, mas não pude cursar porque não consegui isenção da carga horária na UERJ”. Varges aposentou-se no segundo semestre de 2010 e sua rotina agora é outra: duas vezes por semana ele vem à Universidade para participar de atividades promovidas pelo Instituto de Educação Física e Desporto (IEFD). “Quando fui me aposentar a Superintendência de Recursos Humanos me ofereceu o Plano de Preparação para a Aposentadoria (PPA). Nas aulas fazemos ginástica, musculação e alongamento e periodicamente apresentamos resultados de exames médicos”, conta o professor, que completou 70 anos em boa forma e, por isso, é um exemplo a ser seguido.

Cooperação Internacional na Universidade: uma ponte para ganhar o mundo

O ano de 2010 registra números expressivos para o Departamento de Cooperação Internacional da Universidade: são 40 alunos estrangeiros na universidade e 71 alunos da UERJ espalhados pelo mundo, em cursos de graduação via intercâmbio, graças aos convênios renovados e aos novos conquistados pelo DCI – em 2008 eram 100 convênios, agora ultrapassa os 150.

Vinculado à SR-2, o Departamento foi criado em 2001 para ampliar as fronteiras e, simultaneamente, inserir a Universidade no espaço acadêmico internacional, acompanhando o processo de consolidação da qualidade na formação discente. Nele foram reunidos todos os convênios internacionais anteriormente sob a coordenação da Diretoria de Relações Internacionais, Intercâmbios e Convênios (Intercom), extinta em agosto de 2001. Desde a sua criação vários acordos foram firmados com instituições de ensino superior para intercâmbios de graduação. Outras parcerias permitiram a participação de alunos em atividades de curto prazo em universidades importantes da Europa.

Em 2009, por meio do Instituto de Biologia, o DCI estabeleceu acordo de cooperação com a Universidade de Jaén, na Espanha, e recebeu as primeiras seis bolsas para alunos da UERJ. Em 2010, em parceria com o Banco Santander e a Universidade de Salamanca, teve lugar o programa Top Espanha, para cursos intensivos e visitas guiadas a museus espanhóis.

Neste momento está em curso o programa Fórmula Santander, de mobilidade internacional: a UERJ é uma das 35 instituições

de ensino brasileiras que aderiram ao programa, que permite a alunos de graduação com alto potencial de desenvolvimento e baixa renda, de todos os cursos, concorrerem a bolsas de estudos no valor de € 5.000 para transporte aéreo, hospedagem e despesas pessoais durante um semestre de estudos.

A professora Cristina Russi Guimarães Furtado, diretora do Departamento de Cooperação Internacional, foi aluna do CAPUERJ, graduou-se em Engenharia Química pela UFRJ e fez o mestrado e parte do doutorado no Instituto de Macromoléculas Professora Eloísa Mano, da UFRJ. Concluiu o doutorado na Universidade de Paris VI – Pierre et Marie Curie. “Depois dessa primeira vinculação internacional, hoje meu trabalho está voltado para esse objetivo: receber delegações, captar novas parcerias e estabelecer novos convênios. O DCI emite as cartas de aceitação e os vistos, apóia as delegações que se interessam em nos visitar e firma os acordos de cooperação. Assim a Universidade se destaca, os intercâmbios acontecem e aumentam as oportunidades para os nossos alunos. Trabalhamos principalmente com Espanha, Portugal e França, mas em 2010 iniciaremos um convênio com a Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA), ampliando a presença da UERJ no exterior”, diz a professora Cristina.

Para conhecer melhor o DCI e obter informações detalhadas sobre intercâmbios e convênios, acessar o site: <http://www.sr2.uerj.br/dci> ou procurar o próprio departamento, que fica na sala T030, bloco F, do *campus* Maracanã. O telefone é 2334-0797.

Pesquisas propõem alternativas para despoluição do rio Paraíba do Sul

Responsável pelo abastecimento de água de grande parte do estado do Rio de Janeiro, o rio Paraíba do Sul percorre 37 municípios desde a Represa do Funil em Itatiaia até a cidade de Atafona, no norte fluminense, e fornece água para uma população de mais de 12 milhões de pessoas. Em contrapartida, o rio se tornou o destino de esgoto doméstico e dos efluentes das indústrias químicas, siderúrgicas e alimentícias de empresas da região do Vale do Aço. Para amenizar esse problema ambiental, o *campus* regional da UERJ em Resende mantém duas pesquisas, com verbas da Faperj, que estão hoje entre as principais alternativas para garantir um rio mais limpo no futuro: o uso da luz solar e de óxido de titânio para quebrar moléculas poluentes e o de carvão ativado para monitorar poluição.

O uso da luz solar para a degradação de moléculas poluentes em efluentes líquidos faz parte da pesquisa desenvolvida há cerca de seis anos pela UERJ. A experiência começa a atrair também o interesse de empresas privadas da região do Vale do Paraíba. A fotocatalise é um processo físico-químico que, por meio de um semicondutor, transforma o fóton da luz em energia eletroquímica para promover a eliminação de substâncias tóxicas de efluentes líquidos.

Os pesquisadores construíram um reator e colocaram nele um semicondutor (sólido cerâmico à base de óxido de titânio – TiO_2). Esse semicondutor tem a consistência de um pó fino, que é misturado a uma substância parecida com verniz e então aplicado na superfície do reator. O processo físico-químico acontece quando o semicondutor, em contato com a luz do sol, gera radicais que promovem o



Entardecer no rio Paraíba do Sul visto do centro da cidade de Campos dos Goytacazes

tratamento da água contaminada que passa por ele e elimina material tóxico (componentes orgânicos como benzeno e fenol – ambos com alto potencial carcinogênico). Os produtos desse tratamento são CO_2 e H_2O .

A pesquisadora Elaine Torres explica que o uso do titânio combinado à luz é uma alternativa barata e eficiente que pode se tornar complemento aos tratamentos convencionais que não excluem certas substâncias, além de ser eficaz na eliminação de moléculas tóxicas mesmo quando em baixas concentrações. “No tratamento convencional, há a decantação dos poluentes, que são raspados e levados aos aterros sanitários. No entanto, muitas outras substâncias continuam presentes na água. Nossa proposta é entender mais sobre a combinação do óxido de titânio com moléculas orgânicas poluentes e encontrar maneiras alternativas e sustentáveis”, explica Elaine.

Em outra frente de trabalho da Faculdade de Tecnologia da UERJ está o professor Sérgio Correa, coordenador da pesquisa que monitora o grau de poluição em quatro pontos do rio Paraíba do Sul. A pesquisa “Avaliação de hidrocarbonetos aromáticos no Paraíba do Sul” está em andamento e se divide em três fases. Para o pesquisador, o rio é um sumidouro na-

tural de poluentes e, por isso, a pesquisa começa na Represa do Funil, passa por Resende, Porto Real, Quatis, Volta Redonda e vai até a Represa Ribeirão das Lajes, em Pirai. A água coletada é colocada em cartuchos de carvão ativado e os poluentes, por afinidades, grudam neles. Com um 1 ml de solvente os pesquisadores chegam a retirar substâncias orgânicas poluentes de até dez litros de água. Os resultados da primeira etapa do projeto indicam que o ponto de coleta do riacho que tem origem no Parque Nacional do Itatiaia não possui impactos significativos. Nos outros três pontos ao longo da cidade, porém, é evidente a presença de hidrocarbonetos como naftaleno, criseno, benzo(a)pireno, benzeno, tolueno e xilenos no rio Paraíba do Sul.

Segundo Correa, assim que for finalizada a etapa de coleta de material para análise, os pesquisadores iniciam a fase seguinte, de análise de poluentes sedimentados que permanecem nas algas e que, em cadeia alimentar, são consumidos por micro-organismos e peixes. O professor Sérgio Correa explica que a nova etapa começará em 2011. A análise da poluição nos peixes está em fase de planejamento e sem data prevista para começar porque ainda depende de financiamento.

Treze programas de pós-graduação melhoram desempenho no conceito da Capes

Divulgada em setembro a avaliação do triênio 2007-2009 da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), o resultado mostrou-se favorável para a universidade: o Programa de Pós-Graduação em Educação alcançou o conceito máximo (nota 7) e 13 programas (cerca de 28% dos existentes no País) aumentaram as suas notas. Com isso, a média da UERJ ficou acima do percentual nacional, já que de todos os cursos avaliados no Brasil, 19% aumentaram a pontuação.

As notas 6 e 7, segundo o relatório da Capes, indicam desempenho de referência e de inserção internacional. Outros programas que se enquadram nesse conceito de avaliação são os Programas de Pós-Graduação em Biociências, Direito e Saúde Coletiva, todos com nota 6. A avaliação foi feita pelas coordenações de área da Capes, organizadas em 46 comissões, e consideraram os dados repassados por 2.718 programas em todo o Brasil. Para a diretora do Departamento de Fomento ao Ensino para Graduados, Elisabeth Macedo, a notícia reflete ações desenvolvidas junto aos programas da Universidade. “Tivemos um resultado excelente este ano”, comemora a diretora. “As notas seis e sete são difíceis, porque demonstram o nível de internacionalização e ainda representam um percentual pequeno de cursos”.

Para a avaliação de 2010, o Departamento adotou a política de criar poucos mestrado e de fortalecer os que já existiam, além de valorizar a criação de doutorados apenas nos programas mais consolidados e nos cursos com nota 4, já que para estes o doutorado é requisito fundamental para aumentar a nota. Agora o objetivo é consolidar os cursos com mais chances: “Estamos convocando para elaborar o projeto de criação de doutorado todos aqueles que subiram para a nota 4. A expectativa é que em dois triênios eles possam chegar a 5”, explica a diretora. “É importante registrar que vários programas mantiveram a mesma nota, o que demonstra o fortalecimento dos cursos”. Para os cursos que diminuíram de nota ainda há chances de recurso.

PROGRAMAS DA UERJ QUE AUMENTARAM A NOTA

Programas	Curso	Ano de Início	Conceito Capes	
			Triênio 2004/2006	Triênio 2007/2009
Artes	ME	2005	3	4
Ciências Econômicas	ME	2003	3	4
Comunicação	ME	2002	3	4
Design	ME	2005	3	4
Direito	ME/DO	1991	5	6
Ecologia e Evolução	ME/DO	2006	4	5
Educação	ME/DO	1979	6	7
Engenharia Química	ME	2004	3	4
Geografia	ME	2003	3	4
Odontologia	ME/DO	1982	4	5
Políticas Públicas e Formação Humana	ME/DO	2005	4	5
Saúde Coletiva	ME/DO/MP	1974	5	6
Serviço Social	ME/DO	1999	4	5

*ME= Mestrado / DO= Doutorado / MP= Mestrado Profissionalizante

Outro dado importante em relação aos programas que tiveram um bom desempenho na avaliação da Capes é o sistema de credenciamento e credenciamento de docentes: “Não podem atuar na pós-graduação docentes que não mostrem comprometimento com a produção de pesquisas e de publicação”, adverte Macedo. “Há um acordo com a Reitoria de criação de um programa especial voltado à melhoria dos cursos. Com base numa avaliação vamos selecionar programas que tenham condições de chegar a nível 5 ou 6 e fazer um trabalho conjunto. A Reitoria entraria com verba e com vagas para concursos direcionados a esses programas. O programa se responsabilizaria, principalmente, pelas adaptações internas necessárias”, esclarece.

Excelência na pós-graduação

A pós-graduação é importante em especial para a graduação na Universidade, porque movimenta recursos que podem ser utilizados pelos alunos – como laboratórios e espaços de aula – e garantem sua participação em grupos de pesquisas e projetos de iniciação científica. Essa visão é compartilhada pela coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação (Proped), professora Alice Lopes. “O prestígio do programa é também o maior prestígio da UERJ. A instituição passa a ser

consequir alcançar o conceito máximo e que, para isso, a inserção internacional é fundamental. A área experimental da Universidade também abriga outro curso de excelência: o Programa de Pós-Graduação em Biociências, que há três triênios se consolida com nota seis na avaliação da Capes. “A nota 6 é confortável”, diz a coordenadora do curso, professora Verônica Morandi. Ela explica que essa nota demanda um nível de comprometimento de 90% do corpo docente, com a internacionalização das publicações docente e discente e o estímulo a intercâmbios e convênios com universidades no exterior, para que os alunos possam frequentar instituições por meio de bolsa sanduiche ou de co-tutela acadêmica. Ela destaca a importância da renovação docente como requisito essencial para a área experimental: “Um pesquisador produtivo no nosso campo necessita de pelo menos oito anos de atuação depois do doutorado. Este é o perfil necessário para um programa de excelência com nota 6 e 7”. Criado em 1975, o Programa tem 39 professores permanentes e 14 colaboradores e 108 alunos. O programa já tituló 207 doutores e 414 mestres.

Na área de Educação existem agora três programas com nota sete em todo o Brasil: além da UERJ, o da PUC-Rio e o da Universidade Federal de Minas Gerais. Para chegar ao conceito máximo, o Programa da UERJ incentivou a produção bibliográfica em periódicos, principalmente os internacionais, e convênios com universidades estrangeiras. O Proped foi criado em 1975. São ao todo cinco linhas de pesquisa. Hoje o corpo docente é formado por 27 professores do quadro permanente e um professor visitante. Setenta alunos estão matriculados no mestrado e 80 no doutorado. Nos 31 anos do programa foram defendidas 706 teses e dissertações.

Na área de Direito, nota 6 na UERJ, nenhum programa alcançou a nota máxima da Capes. Seis programas possuem a mesma nota 6. Segundo o coordenador do programa na Universidade, professor Adilson Pires, a dificuldade para convênios internacionais está na própria área, porque os estudos locais dificilmente terão interesse para diferentes sistemas jurídico e legal. Ele acredita que a UERJ tem potencial para

conseguir alcançar o conceito máximo e que, para isso, a inserção internacional é fundamental. A área experimental da Universidade também abriga outro curso de excelência: o Programa de Pós-Graduação em Biociências, que há três triênios se consolida com nota seis na avaliação da Capes. “A nota 6 é confortável”, diz a coordenadora do curso, professora Verônica Morandi. Ela explica que essa nota demanda um nível de comprometimento de 90% do corpo docente, com a internacionalização das publicações docente e discente e o estímulo a intercâmbios e convênios com universidades no exterior, para que os alunos possam frequentar instituições por meio de bolsa sanduiche ou de co-tutela acadêmica. Ela destaca a importância da renovação docente como requisito essencial para a área experimental: “Um pesquisador produtivo no nosso campo necessita de pelo menos oito anos de atuação depois do doutorado. Este é o perfil necessário para um programa de excelência com nota 6 e 7”. Criado em 1975, o Programa tem 39 professores permanentes e 14 colaboradores e 108 alunos. O programa já tituló 207 doutores e 414 mestres.

Kenneth Rochel de Camargo Jr., coordenador do Programa de Saúde Coletiva, outro nota 6 da UERJ, atribui a melhora do conceito a uma questão organizacional: “Ficamos atentos aos critérios de avaliação, à qualidade das publicações, além de incentivar a produção conjunta entre orientador e orientando. Também reduzimos o número de alunos por orientador, que havia sido um ponto fraco do programa na avaliação anterior”, explica. A área de Saúde Coletiva é interdisciplinar, dividida em três campos de concentração: Ciências Humanas e Saúde; Epidemiologia; Política, Planejamento e Administração em Saúde. Criado em 1974, o programa mantém convênios com universidades estrangeiras, desenvolve pesquisa com financiamento externo e alguns professores são editores de revistas importantes. O Instituto de Medicina Social da UERJ foi o fundador da área de saúde coletiva no Brasil.

A consolidação de uma história (1990-2010)



1/9



3/9



4/9

Nos últimos 20 anos a UERJ se firmou como instituição reconhecida na área de extensão e pesquisa. Nestas décadas a Universidade também se valorizou como espaço democrático para o conjunto de servidores e estudantes.

Regulamentado pela Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa (SR2) em 1992, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) estimulou o envolvimento institucional nas atividades científico-tecnológicas da graduação. No mesmo ano, o início dos investimentos da Faperj e do CNPq permitiu, dentre outros, a realização da 1ª Semana de Iniciação Científica (SEMIC), espaço de divulgação dos projetos de pesquisa da graduação.

Em 1993, idealizada pelo professor Américo Piquet Carneiro, foi instalada a Universidade da Terceira Idade (UniTI), atual Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI) (foto 1). O projeto pioneiro tinha por objetivo criar um centro de convivência que incluísse atividades e assistência aos idosos, além de capacitação profissional para o trabalho com esse público. Ainda naquele ano, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), a UERJ criou o Programa Institucional de Capacitação Docente, de valorização dos professores, ao oferecer bolsas de estudos inclusive no exterior. Nesse mesmo ano foram incorporados os *campi* de Nova Friburgo e Resende.

Criada em 1994, a Editora da UERJ (foto 2) promove, coordena

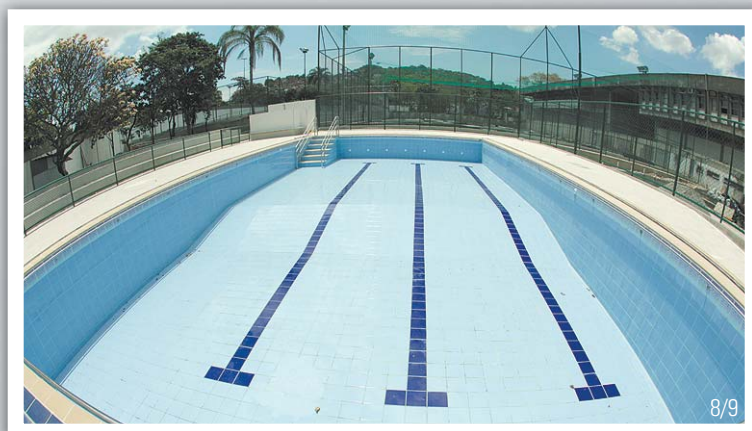
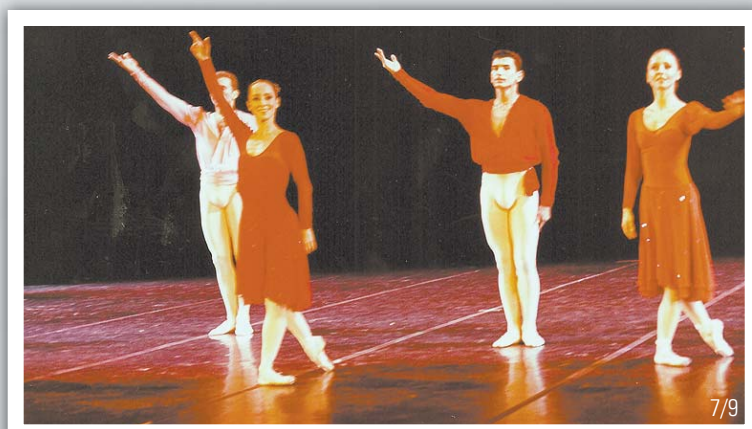
e disciplina as atividades editoriais da Universidade, a fim de permitir uma troca comercial



2/9

entre a produção universitária e o público. Investimentos na pós-graduação, pesquisa e programas inéditos, como o Produção Científica, Técnica e Artística (Prociência) em 1995, fomentaram o desenvolvimento de pesquisas. Em 1996, a incorporação do *campus* Ilha Grande deu prosseguimento ao processo de interiorização da Universidade. Incentivar o gosto pela leitura nos *campi* e na comunidade do Estado do Rio de Janeiro foi a proposta do Programa de Leitura da UERJ (LerUERJ) (foto 3).

Em 1998 a UERJ recebeu o arquiteto Oscar Niemeyer para a aula inaugural no Teatro Odylo Costa, filho. Naquele mesmo ano foi inaugurada a Rede Sirius de Bibliotecas, com 21 unidades, substituindo o antigo Sistema de Bibliotecas (SISBI). No ano seguinte foi assinado o convênio do Vestibular Integrado, que reuniu as instituições estaduais de Ensino Superior do estado do Rio de Janeiro. A UERJ, a Universidade Estadual do Norte Fluminense, a Escola de Formação de Oficiais da Polícia Militar e a Escola de Formação e Aperfeiçoamento de Oficiais do Corpo de Bombeiros integraram o acordo. Desde então, todas as etapas do concurso são realizadas pela UERJ. Em 1999, outro notável esteve presente no Odylo Costa, filho: Fidel Castro (foto 4).



A visita reuniu mais de cinco mil pessoas. O líder cubano foi condecorado com a Ordem do Mérito José Bonifácio, concedida a personalidades de destaque nos setores da educação e da cultura. Ainda no mesmo ano, a Policlínica Piquet Carneiro foi incorporada como nova unidade do Centro Biomédico. No final de 1999, um marco na história da Universidade: a professora Nilcéa Freire foi eleita a primeira mulher reitora, sendo empossada no início do ano seguinte (foto 5).

O ano 2000, o primeiro ano da nova década, marca também a comemoração dos 50 anos da Universidade. Uma agenda especial de eventos celebrou a data, com homenagem aos servidores com 25 anos ou mais de serviço (foto 6), exposição de fotos e obras da Rede Sirius, show do cantor Dudu Nobre, e balé do Theatro Municipal (foto 7). Criado no final de 2001, o Departamento de Cooperação Internacional (DCI) passa a ter a responsabilidade de acompanhar e ampliar a inserção da UERJ no exterior, com a consolidação das atividades de ensino, pesquisa e extensão. Atualmente a UERJ tem convênios com 29 países para receber e mandar alunos para graduação e pós-graduação.

Em 2002 foi implantado pela primeira vez no Brasil o processo seletivo para curso superior com percentual determinado de vagas reservado a perfis de alunos: as cotas. Atualmente, 45% do total das vagas estão reservadas aos cotistas. O ano de 2010 marca a inauguração do *campus* Teresópolis, com o curso de Turismo, e a incorporação do Instituto de Estudos Sociais e Político (IESP), antigo IUPERJ. O ano também ficará marcado pela concretização de antigas demandas: o centro de esporte com campo de grama sintética, quadra poliesportiva e piscina (foto 8), que estará à disposição de alunos e da comunidade do entorno, e o restaurante universitário (foto 9), atualmente em obras e que se tornará realidade até 2011.

Nessas duas décadas a UERJ alcançou grau de excelência institucional a partir da valorização da sua produção científica, técnica e artística, que aos poucos consolidou um novo perfil da Universidade. As transformações sociais e políticas dos últimos 60 anos ocorridas no Brasil se refletiram diretamente no espaço acadêmico. A UERJ guarda as marcas que estão em sua estrutura, em seus funcionários e alunos que, envolvidos diretamente, fizeram sua história.

UERJ Sem Muros

Maratona de ensino, pesquisa e extensão

No dia 27 de setembro a Universidade abriu mais uma vez as suas portas para uma maratona de cinco dias de atividades de ensino, pesquisa e extensão. O que seria rotina acadêmica teve um diferencial: dezenas de ônibus estacionados nos arredores do *campus* Maracanã trouxeram alunos e professores de pelo menos 50 escolas públicas e particulares de todo o estado para conhecerem o mundo da Universidade. Este são alguns dados da 21ª edição do UERJ Sem Muros. O evento é a maior exposição da produção acadêmica da Universidade nas diferentes áreas de conhecimento. A diversidade é a marca da programação, que inclui Mostra de Extensão, Semana de Iniciação Científica, Semana de Graduação, Feira de Serviços, Espaço Ciência e uma agenda de shows e atividades culturais. Este ano as atividades movimentaram mais de 2.500 estudantes.

Um dos espaços mais visitados foi a Feira de Serviços, que lotou o Centro Cultural com atividades de pesquisa e atendimento. Demonstrações como os experimentos de Física e Química – relacionados à combustão, deslocamento de massa e pressão – chamaram a atenção dos alunos. O Meio Ambiente também despertou o interesse dos visitantes, com apresentação de projetos de Oceanografia mostrando o lixo que se acumula no leito dos mares há décadas. “Muitas das atividades relacionadas à UERJ Sem Muros deste ano foram pensadas para receber o público do Ensino Médio, o que fez a visita ser mais interessante para quem ainda vai prestar Vestibular”, observou a professora Nádia Pimenta Lima, Diretora do Departamento de Extensão da UERJ (Depext), uma das organizadoras do evento.

Para ela, o espaço do Centro Cultural (utilizado pela primeira vez) também conseguiu mostrar os serviços de extensão voltados para o atendimento ao público. A Faculdade de Enfermagem, por exemplo, montou estandes para alertar sobre a importância da Doação de Sangue, Tipagem Sanguínea e Prevenção à Hanseníase. Houve vacinação gratuita contra difteria, tétano, sarampo, caxumba, rubéola e hepatite B oferecida para a comunidade que visitou a Feira. Horácio Fernando dos Santos foi um dos que aproveitou a oportunidade: montador de móveis, ele visitou os estandes e foi vacinado contra rubéola. “Normalmente tenho medo de injeção, mas aqui me trataram muito bem. Antes, de maneira alguma eu iria procurar um posto de saúde para vacinar, mas agora sei da importância e vou tomar mais duas doses”, disse ele, satisfeito com a orientação recebida da equipe. A programação da feira incluiu ainda uma exposição de artesanato de cestaria e bijuterias indígenas, que firmou a parceria entre a Universidade e o Museu do Índio.

Mostra de Extensão

Para alunos e professores que atuam em projetos de extensão, o UERJ Sem Muros serviu como exposição geral das atividades e integração entre coordenadores e bolsistas. Participaram da Mostra de Extensão 426 projetos e programas ligados a várias áreas de conhecimento. Foram avaliados os trabalhos que participaram do 1º Premio de Extensão Professora Theresinha do Prado Valladares, instituído pela Sub-Reitoria de Extensão e Cultura (SR-3). Quinze projetos foram selecionados para a etapa final do concurso.



As atividades da 21ª edição do UERJ Sem Muros mobilizaram em cinco dias mais de 2.500 estudantes

Para os bolsistas, conhecer outros projetos e trocar experiências tornou a Mostra uma oportunidade única. “Muitas pessoas não tinham conhecimento do meu projeto e acabaram aprendendo sobre a Universidade Aberta da Terceira Idade. Expor o trabalho nos faz perceber que o objetivo está sendo atingido. O UERJ Sem Muros faz com que a gente se envolva mais com a faculdade”, disse o estudante de Engenharia Thiago de Oliveira Rosa, bolsista do projeto Introdução à Informática na Terceira Idade da Unati.

A professora Jaqueline Ferreira Lopes, coordenadora do projeto de extensão Direito Especial da Criança e do Adolescente, da Faculdade de Direito, concorda. Para ela, o evento representa espaço importante para a troca da produção acadêmica entre pares, mas também com a sociedade: “Há uma interação enorme porque a comunidade pode ver o que a Universidade pode fazer por ela”.

Espaço Ciência

Além da Feira de Serviços, os jovens estudantes tiveram respondidas curiosidades sobre temas como a origem do universo. Esta foi uma das atividades centrais do Espaço Ciência, dedicado a experiências interativas com os visitantes. No Ginásio Poliesportivo, onde ficou sediado, foi instalado um planetário móvel inflável.

No protótipo, alunos do Instituto de Física da UERJ, em parceria com o Museu de Astronomia e Ciências, fizeram uma simulação do céu e do universo para explicar o surgimento de estrelas, a dimensão dos planetas e a origem dos asteróides. “As crianças ficaram muito surpresas com a novidade. Entraram no planetário por um túnel rente ao chão e, dentro da bolha com capacidade para 30 pessoas, assistiram projeções com a simulação do que é o espaço celeste. Nosso papel foi narrar essa aventura e transmitir a sensação de que estávamos todos realmente olhando para o céu. Em 15 minutos eles tiveram informações sobre astronomia e mitologia grega por

meio das constelações”, explicou a monitora Carla Gonçalves, aluna do Instituto de Física e estagiária do Museu.

Da Escola Municipal Paulo Freire, em Armação de Búzios, vieram 140 estudantes. O professor Luiz Henrique Alves, que acompanhou os alunos na visita à Universidade, considerou essa oportunidade um fator motivador: “É interessante e fundamental para eles essa visita e terem a chance de fazer a correlação de conhecimento entre o que eles vivem e o meio acadêmico”, observou.

Semana de Graduação

Uma transmissão em tempo real uniu os *campi* Maracanã e Duque de Caxias durante a Semana de Graduação. Esta foi uma das surpresas do evento, que reuniu 543 projetos envolvendo mais de mil estudantes (entre bolsistas e voluntários) e cerca de 500 professores de unidades acadêmicas e administrativas. Para a equipe organizadora, a marca desta edição foi exatamente a inovação e a qualidade dos trabalhos apresentados.

“Foram apresentados trabalhos de excelente qualidade nas diversas modalidades”, avaliou a professora Hilda Ribeiro Souza, diretora do Departamento de Desenvolvimento Acadêmico e Projetos de Inovação (DPEI), da Sub-Reitora de Graduação da UERJ (SR-1). Muitos desses trabalhos concorreram ao 1º Prêmio de Graduação Fernando Sgarbi Lima, criado pela SR-1 para compensar boas iniciativas na formação profissional.

Projetos de Estágio Interno Complementar, Iniciação à Docência, Monitoria, Programa de Educação Tutorial e Projeto de final de Curso fizeram parte da Semana. “Foi a oportunidade de se conhecer os trabalhos desenvolvidos na graduação, que muitas vezes não chegam a ser apresentados ao público”, observou Hilda Souza. Outra característica do evento em 2010 foi o ineditismo de muitos projetos. “Diferente dos anos anteriores, muitos trabalhos foram apresentados pela primeira vez. Além disso, os que já eram integrados apresentaram muitas novidades, o que dá um caráter diferenciado à Semana”, lembrou Patrícia Noronha, assessora do DEPEI e membro da equipe organizadora.

A relação entre os projetos apresentados na Semana e a formação dos estudantes bolsistas surpreendeu o professor do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira e do Instituto de Letras, Bruno Deusdará. Ele disse que pode sentir o engajamento dos alunos em seus trabalhos. “Encontrei projetos desenvolvidos com bastante autoria pelos alunos, o que efetivamente traz uma relação da Universidade com o espaço exterior”, considerou.

Iniciação Científica

“A 19ª Semana de Iniciação Científica (19ª Semic) foi a melhor dos últimos três anos”. Esta foi a avaliação da diretora

do Departamento de Capacitação e Formação de Recursos Humanos (Decarh) da Sub-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa (SR-2), Rosa Name, sobre o sucesso da mostra que reuniu 754 projetos de IC. Desse total, 124 foram selecionados por um Comitê avaliador para concorrer ao Prêmio de Iniciação a Ciência que este ano recebeu o nome da professora Fernanda Margarida Barbosa Coutinho, do Instituto de Química.

As apresentações orais e pôsteres se dividiram em sete grandes áreas de conhecimento: Humanidades; Ciências Sociais Aplicadas; Engenharias, Letras, Linguísticas e Artes; Biológicas e Ciências da Saúde. “Em 2010 tivemos a preocupação de reunir trabalhos com temas semelhantes nos mesmos grupos, para proporcionar interação entre os projetos. Isso deu aos alunos a chance de dialogar com outros estudantes e professores”, disse a professora Rosana Glat, coordenadora do Comitê de Avaliação da área de Humanidades. Para ela, a Semana também teve participação expressiva de alunos que ainda não participam do Programa de Iniciação Científica (Pibic), “o que gera um estímulo a novos bolsistas”.

A professora Noni Geiger, da Escola Superior de Desenho Industrial, foi avaliadora da 19ª Semic na área de Ciências Sociais Aplicadas. Ela considerou como um dos destaques a participação dos alunos do CAP/UERJ no Programa de Iniciação Científica Júnior: “Esta edição foi reveladora e maravilhosa. O Pibic Jr foi algo extraordinário e que deve ser exemplo da experiência a ser compartilhada para promover intercâmbio maior entre as unidades acadêmicas”.

A listagem com os projetos premiados pode ser conferida em <http://www.pibic.uerj.br>.

Lançamentos EdUERJ

Títulos publicados no segundo semestre

DIANTE DA CRISE GLOBAL: HORIZONTES DO PÓS-NEOLIBERALISMO

Ulrich Brand e Nicola Sekler (org.)

A obra tem como objetivo “discutir as diferentes respostas aos impactos (negativos) do neoliberalismo e sua crescente incapacidade de lidar com as contradições e crises emergentes”, segundo os organizadores. O livro reúne artigos originalmente preparados para o Fórum Social Mundial de

Belém, realizado em 2009, e publicados na revista sueca *Development Dialogue*. Congregando autores que são intelectuais e ativistas em diferentes partes do mundo, o volume traça um panorama da situação global depois da crise de 2008 e apresenta análises da conjuntura pós-crise em países

como China e África do Sul e da América Latina como um todo. Brand e Sekler desejam que a obra “inspire e contribua para o debate sobre formas alternativas de organização da sociedade e sobre as possibilidades concretas de atingir esse objetivo”.



PERCEÇÃO TRANSDISCIPLINAR - UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA

Elza Neffa e Antonio Carlos Ritto (org.)

Com artigos produzidos em grande maioria ao longo do doutorado em Educação Ambiental da Faculdade de Educação da UERJ, o livro tem como proposta abordar a transdisciplinaridade como ferramenta capaz de ampliar o entendimento de questões sobre meio

ambiente e suas complexidades. De acordo com os organizadores, a obra apresenta uma abordagem que produziria uma “força de potência” capaz de revelar enigmas epistemológicos e segredos contidos na dinâmica do Universo, tarefa só possível pelo encontro

do homem com sua natureza. Os 11 capítulos da coletânea tratam dos princípios que norteiam o conceito de transdisciplinaridade e suas possíveis aplicações para novas pesquisas de cunho socioambiental.



MÍMESIS E A REFLEXÃO CONTEMPORÂNEA

Luiz Costa Lima (org.)

Quão rico pode ser pensar o contemporâneo a partir de um conceito que atravessou pelo menos dois séculos e meio de existência no repertório teórico e cognitivo de alguns dos maiores pensadores da humanidade? Essa é a pergunta que Luiz Costa Lima, professor titular de Literatura

Comparada da UERJ, propõe-se a responder na obra. O livro é composto por uma coletânea de seis ensaios nos quais os autores Jean-Pierre Vernant, Hans Blumenberg, Arbogast Schmitt e David E. Wellbery apresentam uma história semântica do termo mimesis, revendo suas aplicações na anti-

guidade clássica de Aristóteles e Platão, passando pelo Renascimento, quando se reconhece uma proximidade conceitual com o italiano imitatio, chegando às reflexões de Kant, Hegel e Schelling, ao pensamento marxista e à filosofia de Auerbach.



SENTIDOS DA CIDADANIA: POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Márcia Soares de Alvarenga

O livro apresenta uma análise sobre as políticas de educação no Brasil e sua relação com a construção e a efetivação da cidadania. O volume, parte da série Pesquisa em Educação, esmiúça teorias e práticas de alguns dos mais importantes projetos educacionais

do Brasil, refletindo sobre esperanças e decepções, ganhos e perdas no desenvolvimento de um saber consciente e suas possibilidades para a construção de um sentido de cidadania por políticas pedagógicas emancipadoras. A dualidade liberalismo/marxis-

mo serve de base para uma historicização do conceito de ideologia que norteará suas considerações sobre analfabetismo, incitando a pensar sobre os usos do termo, seus múltiplos sentidos, seus interesses e sua dialética.



EDUCAÇÃO AMBIENTAL MARINHA E COSTEIRA NO BRASIL

Alexandre de Gusmão Pedrini (org.)

O livro aborda questões levantadas pelo Relatório Mundial Independente sobre os Oceanos, expõe relatos de pesquisas e experiências realizadas em diversas regiões do país

com o objetivo de propor uma adequada gestão costeira por meio da educação ambiental na busca por um desenvolvimento sustentável. Os textos estão divididos em duas seções. Na

primeira, discutem-se as questões pertinentes à educação ambiental, enquanto que na segunda, a sua aplicabilidade em relação à gestão costeira.



Homenagem

Discurso do Professor Emérito Ricardo Lira

No dia 30 de setembro de 2010, o Prof. Dr. Ricardo Lira recebeu do Reitor Ricardo Vieiralves o diploma de professor emérito. À cerimônia na Capela Ecumênica estiveram presentes autoridades estaduais, ex-reitores da UERJ e inúmeros amigos do homenageado. O *Em Questão* reproduz a seguir trechos do discurso do professor.

(...)

Sejam de agradecimento as minhas primeiras palavras. Agradecimento aos que compunham o Departamento de Direito Civil da Faculdade de Direito, liderados pelo meu eminente e fraterno amigo Gustavo Tepedino, que tiveram a iniciativa da outorga da emergência, agora formalmente por mim recebida, generosidade que excede de muitas das minhas singelas qualidades.

(...)

Permita-me a seleta platéia que eu reitere no que sempre tenho dito em eventos nesta UERJ, insistindo no que entendo deva ser uma Universidade hoje, nos difíceis tempos vividos nos primórdios deste século XXI. A universidade clássica, fiel às suas origens, procurou mais isolar-se do que participar das perplexidades do seu tempo. Cultivava o saber pelo saber, e essa segregação era ainda dominante em meados do século 18.

(...)

*Mesmo depois que aceitou a ciência experimental, nem por isso a Universidade se rendeu à pesquisa da ciência aplicada e se deixou envolver no mundo da vida. Insistiu em acentuar o caráter “desinteressado” da sua busca e os objetivos “nobres” do saber pelo saber, do saber como fim em si mesmo. (ANÍSIO TEIXEIRA, “A Universidade de Ontem e de Hoje”, in *Educação e o Mundo Moderno*, p. 222/245).*

(...)

Contemporaneamente, a Universidade parece romper o seu isolamento e se vai, aos poucos, enlaçando com os

dados da vida, até configurar-se como uma instituição inteiramente nova, pela sua complexidade, pela sua variedade, pelo seu pluralismo.

(...)

Hoje, dizemos nós, a Universidade não pode descartar a sua participação no processo civilizatório, nem sufocar o seu desejo de mudança e transformação social. É vital para a Universidade sofrer o impacto das forças vivas da sociedade, e, em resposta, sobre elas atuar. A Universidade é necessariamente política, tomada a expressão na sua semântica mais pura e construtiva. Resulta inevitável pague a Universidade um preço por essa sua identidade, e esse preço é a sua própria crise.

(...)

Foi partindo dessa concepção que, quando dirigíamos a nossa Faculdade de Direito, em 1987, sentimos a necessidade de instituímos uma pós-graduação stricto sensu, fíncada em uma área de concentração pioneira e desafiadora. Preocupava-nos, como nos preocupa até hoje, a virada do cone ocorrida nos anos 50 do século passado, quando o Brasil, que era essencialmente agrícola, se tornou um país essencialmente urbano, com uma densidade demográfica nitidamente operada basicamente nos médios e grandes centros urbanos, com uma ocupação do solo realizada de modo inteiramente irregular e iníquo, por diversas causas históricas que no momento não vem a pelo mencionar.

Nos países subdesenvolvidos, nos países em desenvolvimento, e nos países emergentes, a ocupação do espaço urbano se faz marcada pelo déficit habitacional, pela deficiência de qualidade dos serviços de infra-estrutura, como, por exemplo, a falta generalizada de saneamento ambiental, pela ocupação predatória do meio ambiente em áreas inadequadas, inclusive de risco, pela agressão frontal ao meio ambiente natural e ao meio ambiente construído, pela deslegitimação da autoridade pública fomentando um sentimento globalizado de impunidade – sobretudo nas classes abastadas, como o demonstra episódio há algum tempo ocorrido em Brasília, quando jovens da alta classe média atearam fogo em um índio pataxó que dormia na via pública, e outros tantos em uma doméstica, pensando que fosse uma prostituta, como se isso justificasse procedimento tão criminoso, tudo determinando em inúmeros centros urbanos o aparecimento de um estado paralelo, penetrado pelo crime organizado, com espantoso poder de fogo, frequentemente impondo-se à comunidade e ao próprio Estado formal.

Esse estado paralelo se instala nas favelas, nos cortiços, nas periferias, tornando cada vez mais problemática a sua dominação e conseqüente extinção, pela infiltração que logra nos segmentos do mundo oficial, sendo muitas vezes impossível distinguir o agente oficial do bandido, tamanha a imbricação entre eles existente. Integram esse crime organizado, de um lado, os traficantes de droga, e, do outro, as milícias, que se substituem aos primeiros, no domínio e opressão das comunidades.

(...)

Todos esses fatos acima arrolados tornam evidente a indeclinável necessidade de uma política urbanística e ambiental que ordene a utilização do solo urbano, à base da qual se identifique uma renovada e democrática concepção da função social da propriedade, e uma consciência mais nítida da função social da Cidade.

Por força dessas razões, juntamente com os eminentes colegas professores da Faculdade de Direito, criamos uma Pós-graduação stricto sensu, com área de concentração no Direito da Cidade, que entusiasmos os avaliadores da CAPES, programa esse hoje consideravelmente ampliado, que mereceu dos órgãos competentes o elevado grau (seis), na recente avaliação trienal. (...)

No que concerne à Universidade como um todo, devemos ter diante de nós a lição, sempre atual, de Edgar

Morin, que, no século passado, dizia: “Há inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas, e, por outro lado, realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários... Ora, os problemas essenciais nunca são parceláveis, e os problemas globais são cada vez mais essenciais. Além disso, todos os problemas particulares só podem ser posicionados e pensados corretamente em seus contextos; e o próprio contexto desses problemas deve ser posicionado, cada vez mais, no contexto planetário”.

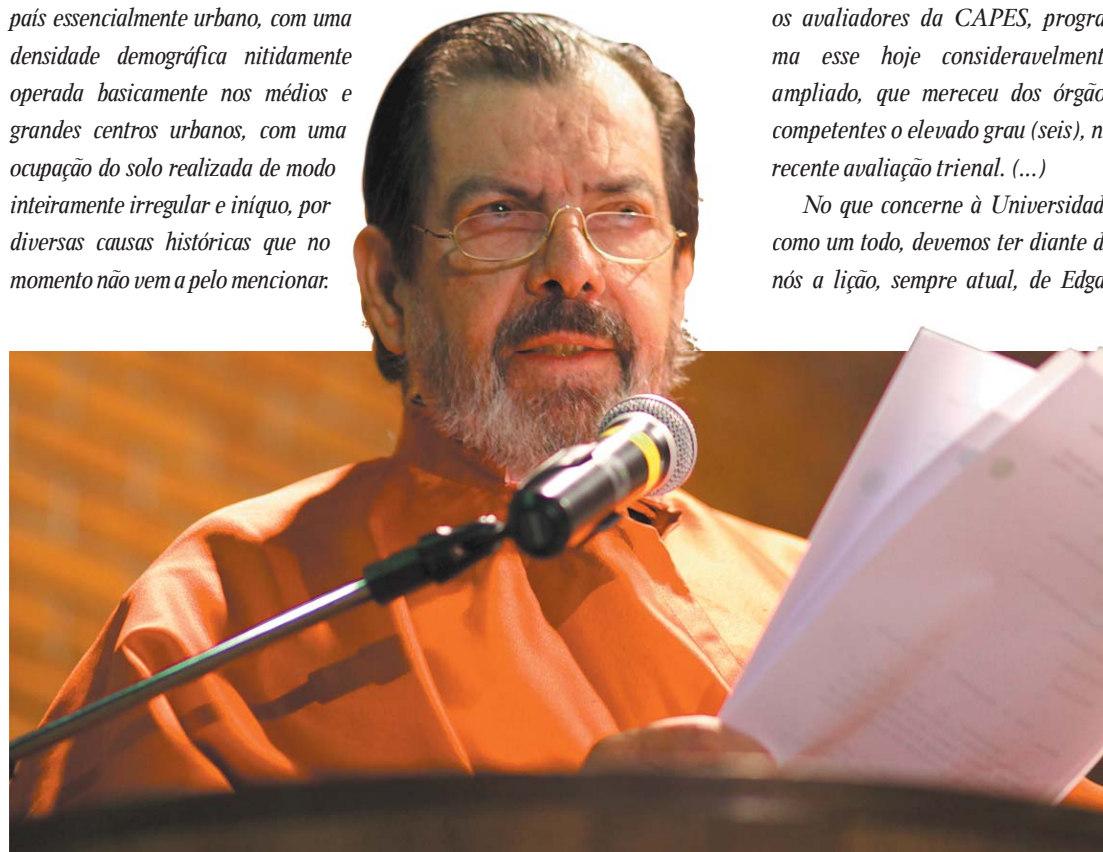
(...)

A tônica na educação e na qualificação profissional é o caminho para que se possa avançar mais na redução das desigualdades. Nesse mister a Universidade brasileira tem um destacado papel a desempenhar. E entre as universidades brasileiras, a UERJ deve ter uma posição relevante, por isso que, nos seus breves 60 anos de existência, tem evidenciado uma importância atestada pela qualidade da formação superior que oferece, pelo valor da sua produção científica, pelas centenas de projetos de extensão e desenvolvimento que pratica, e pelos inúmeros serviços prestados à comunidade.

(...)

Por isso, para nós é uma imensa honra ter prestado a esta Universidade, através da Faculdade de Direito, e do nosso desempenho no Conselho Universitário, os modestos serviços que podemos prestar; conscientes de que há toda uma geração de professores maduros, jovens docentes, há discentes e servidores, preparados para hoje e no futuro, próximo e distante, prosseguir na concretização dos destinos da UERJ.

Muito obrigado, Magnífico Reitor Ricardo Vieiralves, pela emergência que agora recebo, com a sincera modéstia e humildade de sempre. Muito obrigado.



Bolsistas de Iniciação Científica representam a UERJ em jornada da SBPC

Quatro alunas de graduação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) representaram a Universidade na Jornada Nacional de Iniciação Científica, realizada de 25 a 30 de julho durante a 62ª reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). A Universidade Federal do Rio Grande do Norte sediou o evento.

Eliene Bezerra Simão da Silva, Karina Viana Ribeiro, Mariana Gomes Paulse e Simone Gama de Araújo apresentaram trabalhos e tiveram a oportunidade de conhecer pesquisas de jovens cientistas de todo o Brasil. Em 2009, as estudantes haviam sido premiadas na Semana de Iniciação Científica (Semic). Segundo Eliene, 23 anos, aluna do oitavo e último período de Física, a participação na jornada proporcionou maior aprendizado. “Deixou-me muito feliz o fato de a UERJ nos dar como prêmio a viagem com a inscrição no congresso. Fiz um curso de Geofísica Espacial, visitei a base de lançamento de foguetes chamada Barreira do Inferno, aprendi como lançar e por que lançar um foguete”, relata. “Pude assistir a várias apresentações, entre elas uma que tratava de teletransporte. Quando voltei da viagem, resolvi estudar mais sobre isso e escrever um artigo sobre sistemas emaranhados, que é o princípio que rege o teletransporte e a criptografia”, conta.

Ela apresentou o trabalho *Técnicas de detecção e análise de dados em física das partículas elementares*, com orientação do professor Carley Martins. “Foi feito um estudo com fortomultiplicadoras, dispositivos detectores que transformam sinais de luz em sinal elétrico, para a construção do novo detector de partículas para o Laboratório de Física Nuclear e Partículas, o *Muon Stop Decay*, que serve para detecção e estudo de vida média de múons cósmicos (partículas altamente energéticas vindas do espaço extraterreno)”, explica. O detector tem como função treinar novos estudantes e ensiná-los a trabalhar com física de partículas, detecção e construção de detectores. “Esse treinamento, se bem sucedido, termina com um estágio no CERN (o maior acelerador de partículas do mundo situado entre Suíça e França),



As alunas de graduação do Pibic que foram ao Rio Grande do Norte recomendam a participação na Semic

graças ao grande trabalho do professor do Instituto de Física Alberto Santoro.”

Karina, 22 anos, aluna do 8º período de Enfermagem, menciona o contato com pesquisadores de outros estados. Foi a primeira vez que ela participou de um evento com profissionais de outras áreas. “Pude saber o que estão pesquisando em outros estados, como é a assistência nesses lugares. Foi uma oportunidade de grande troca de conhecimentos e vivências. Pude divulgar meu trabalho de iniciação científica e ver o interesse e ao mesmo tempo o desconhecimento das pessoas com relação à temática”, declara.

A estudante de Enfermagem apresentou o trabalho *Aleitamento materno na perspectiva da estudante universitária*, orientado pela professora Benedita Rodrigues. Foram entrevistadas universitárias de duas faculdades de formação de professores e de uma faculdade de Enfermagem de uma universidade pública no Estado do Rio de Janeiro, procurando compreender como foi amamentar durante a graduação. “Elas têm dificuldades para conciliar a amamentação com o estudo e acabam recorrendo a estratégias como levar o filho à faculdade, realizar a ordenha ou diminuir o número de disciplinas”, explica. “Há também desconhecimento e descumprimento da Lei

6.202 (lei da estudante gestante), o que traz mais dificuldades para essas estudantes, que deveriam durante o período de 120 dias realizar exercícios domiciliares sem a necessidade de comparecer à instituição de ensino para realizar avaliação.”

Bacharel em História da Arte, Mariana, 24 anos, reitera as observações de suas colegas sobre a participação na jornada. “Congressos com tantas áreas provocam uma mudança de perspectiva da nossa pesquisa em relação aos trabalhos de outros pesquisadores, revelando diversas metodologias e fazeres diferentes. É muito bom ver pesquisadores motivados com o objeto de estudo.” Ela conta que até então só havia participado de eventos em sua área. “Pude trocar ideias com colegas de áreas de conhecimento próximas, um intercâmbio sempre importante para pensar o fazer de um pesquisador, especialmente em Artes, que dialoga com tantas outras disciplinas”, relata.

Mariana apresentou o trabalho *León Ferrari: forma, crítica e cultura*, com orientação da professora Vera Beatriz Siqueira. Ele consiste no resultado parcial da pesquisa desenvolvida sobre o artista contemporâneo argentino León Ferrari, em especial suas colagens da série *Releitura da Bíblia*. “Minha pesquisa prioriza a análise de suas

obras, que tratam de questões polêmicas quanto às relações entre arte, política e religião, por meio de uma crítica à Igreja Católica e à intolerância que a sociedade ocidental e cristã promove, com tantas guerras, discursos misóginos, postura contra o homossexualismo etc.”, explica.

Incentivo para 2011

Eliene, Karina e Mariana consideram relevante que os estudantes da UERJ se inscrevam na Semic. Na opinião de Eliene, a Semana é uma oportunidade de apresentar trabalho e conhecer outros campos de estudo. “Algo muito importante que ouvi durante a cerimônia de premiação da Semic 2009 foi: ‘não devemos nos reter à nossa área, pois é quando investigamos as outras áreas que podemos desenvolver melhor a nossa criatividade, aplicando o que já sabemos’. A Semic é mais uma oportunidade para nós, alunos de iniciação científica, observarmos outras áreas. Acredito que a Semic 2011 seja uma oportunidade que não se deve desperdiçar, pois a partir dela virão outras, como a SBPC foi para mim”, afirma.

“É uma forma de divulgar o trabalho, discutir com outras pessoas sobre a temática, saber o que sabem a respeito e trocar informações, o que, muitas vezes, nos abre os olhos para outras questões até então não percebidas”, diz Karina. Para a estudante de Enfermagem, a Semic, além da premiação, é um exercício de aprendizado que pode despertar o interesse pelo mestrado e o doutorado. “Foi emocionante saber que o trabalho desenvolvido foi bom e reconhecido, o que nos incentiva a pesquisar”, declara.

Para Mariana, a Semic permite mostrar à Universidade os resultados das pesquisas realizadas na instituição. “Ao mesmo tempo, podemos dialogar com outros pesquisadores da área de conhecimento e com os avaliadores, que são importantes interlocutores para o desenvolvimento da pesquisa, já que fazem uma avaliação do relatório de pesquisa e do processo de uma forma geral, mais do que seria capaz de avaliar um ouvinte que só tenha de 10 a 20 minutos de aproximação com o trabalho”, conclui.

Ecomuseu é contemplado com quatro projetos de extensão da Faperj

O Ecomuseu Ilha Grande comemora a chegada de recursos provenientes de quatro projetos de extensão em editais da Faperj. Foram contemplados três projetos no Edital Prioridade Rio 2010: *Museu do Cárcere*, coordenado pelo professor Gelsom Rozentino de Almeida; *Ecomuseu Ilha Grande/UERJ - Restauração, projetos, pesquisas e desenvolvimento de metodologias ambientalmente sustentáveis relacionadas à unidade Museu do Meio Ambiente*, da professora Thereza Rosso, e *Ecomuseu Recicla: alternativas para o desenvolvimento sustentável da Vila Dois Rios, a partir do artesanato consciente*, sob coordenação do professor Ricardo Gomes Lima. No Edital Extpesq 2010, foi contemplado o projeto *Museu do Meio Ambiente: ações para o saneamento ambiental*, coordenado pela professora Thereza Rosso. Os recursos foram depositados no final de agosto.

O Ecomuseu está localizado na Ilha Grande. A área, onde funcionava o antigo presídio de Ilha Grande (implodido em 1994), foi doada à UERJ em 1996. Em contrapartida, a Universidade teve de assumir um duplo compromisso. O primeiro foi criar um centro de pesquisas em desenvolvimento avançado, o Ceads, já implementado. “O local conta com alojamentos, laboratórios e refeitórios com condições de abrigar os pesquisadores que desenvolvem estudos em Ilha Grande”, explica o professor Ricardo Gomes Lima, diretor do Departamento Cultural (Decult). O segundo compromisso foi desenvolver, aproveitando as ruínas, o Ecomuseu, por se tratar de uma área de proteção ambiental. “A proposta de criação do museu esteve sempre centrada na professora Myrian Sepúlveda, da área de Antropologia. Foi ela quem ficou com essa tarefa”, conta.

De acordo com Ricardo, o museu foi pensado para reunir quatro unidades: Museu do Cárcere (voltado para a história do presídio e o sistema prisional com um todo no Brasil), Museu do Meio Ambiente (envolvendo a relação homem e meio, equilíbrio e preservação da vida), Parque Botânico (voltado para preservação e apresentação das espécies nativas da ilha) e Centro Multimídia



O antigo presídio de Ilha Grande serve atualmente para a exibição das relíquias do Ecomuseu



(para ser referência das pesquisas locais feitas na ilha).

A primeira unidade do Ecomuseu foi inaugurada em 2009, onde funcionava a padaria do presídio. O local abriga uma exposição sobre a história da carceragem, com fotografias, uniformes dos presidiários e objetos como facas e armas feitas pelos detentos que foram doadas pelos moradores. “Temos tido uma média de público que nos surpreende, com 600 visitantes por mês, formado em geral por jovens estudantes e estrangeiros. No verão, chegamos a 2 mil visitantes. Isso é interessante porque o museu fica do outro lado da Ilha Grande, área cujo acesso é feito por meio de uma caminhada de 11km com subida e descida”, destaca Ricardo. O professor coordena o Ecomuseu desde a sua inauguração, quando a professora Myrian Sepúlveda teve de se desligar da direção para dar continuidade a projetos pessoais.



Desde então o museu migrou da Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa (SR2) para a Sub-reitoria de Extensão e Cultura (SR3).

Ricardo explica que a ideia de criação do Ecomuseu deve-se à necessidade de trabalhar a concepção de equilíbrio da comunidade com os espaços e o público. “Minha primeira medida foi compor um corpo de gestores que nos dessem uma base para agir e me considero feliz por ter encontrado as pessoas certas”, diz. À frente do Museu do Cárcere está o professor da Faculdade de Formação de professores (FFP) Gelsom Rozentino de Almeida, especialista em presídios no Brasil. A professora Thereza Rosso, da Engenharia Ambiental, está responsável pelo Museu do Meio Ambiente, enquanto que a professora Cátia Callado, pelo Parque Botânico. Já o Centro Multimídia é coordenado pela professora Wania Clemente.

Projetos

Para enfrentar problemas com o destino do lixo, que não pode permanecer na ilha, foi implantado com verbas da Faperj o projeto *Ecomuseu Recicla: alternativas para o desenvolvimento sustentável da Vila Dois Rios, a partir do artesanato consciente*. “O lixo é deslocado até Abraão, colocado em barcas e levado até os lixões do continente”, detalha Ricardo. Além do lixo produzido por moradores e turistas, a maré tem levado até a ilha objetos como garrafas, papéis e cordas, o que aumenta a quantidade de detritos. “A ideia é trabalhar com a comunidade na coleta e na reciclagem e ver os lixos que podem ser transformados em objetos culturais. Não queremos apenas gerar mão-de-obra, mas também produzir objetos de identidade cultural para a comunidade”, adianta. Está sendo feito um levantamento das espécies nativas da ilha com o intuito de produzir flores a partir de garrafas PET, que viriam acompanhadas de informações científicas e sobre o uso da flor pela comunidade.

O segundo projeto premiado refere-se à ampliação da exposição do Museu do Cárcere. A primeira unidade, já inaugurada, será agregada à fachada do presídio, que não foi implodida e é composta por quatro salas. A exposição irá mostrar a história dos moradores e dos presídios de Ilha Grande e do Brasil, resultando em uma unidade representativa da cultura local.

Os outros dois projetos contemplados pela Faperj referem-se à sede da fazenda que existiu na ilha e onde também funcionou o presídio. “Esse prédio está sendo concebido dentro dos princípios politicamente corretos de ecologia, a fim de reduzir o calor interno e aproveitar ao máximo a luz solar. Queremos transformá-lo em modelo”, revela. O Centro Multimídia aguarda verbas para ser implementado. A proposta é que o local seja referência dos acontecimentos na Ilha Grande, com documentários, trabalhos científicos, fotografias e vídeos sobre as pesquisas realizadas na ilha. O Ecomuseu funciona de terça a domingo, das 10h às 16h.

Graduação

Licenciaturas conquistam Prodocência 2010

Quando o filósofo e educador Paulo Freire avisou que “a educação sozinha não transforma a sociedade e, sem ela, tampouco, a sociedade muda”, ele já sinalizava um fator fundamental ao ensino: a união. A aposta neste princípio levou a Universidade a reunir 14 licenciaturas ligadas a seis unidades acadêmicas de três *campi* em torno do projeto *Interação Universidade-Escola: Vivenciando a formação docente*. A proposta estabelece campos de prática pedagógica voltados para a formação de docentes a começar pela maior aproximação com escolas das redes municipal e estadual.

O projeto foi aprovado pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que o selecionou entre os beneficiados do edital de 2010 do Programa de Consolidação das Licenciaturas (Prodocência). Ao todo, serão liberados R\$ 130 mil para produção de material didático, laboratórios de licenciatura e promoção de ações de integração como seminários e encontros. “A UERJ já havia se destacado no Prodocência com projetos individuais. Mas esta foi a primeira vez que tivemos contemplado um projeto institucional”, comemora a Sub-Reitora de Graduação, professora Lená Medeiros de Menezes, que credita a conquista principalmente à integração de licenciaturas nos três *campi* da Universidade. No *campus* Maracanã participam do projeto os cursos de Letras (Português/Literaturas; Inglês/Literaturas; Português/Espanhol); Artes; Física e Química. A Faculdade de Formação de Professores (FFP), em São Gonçalo, integra a iniciativa com as licenciaturas em Português/



A Sub-reitora Lená Medeiros comemora a aprovação de projeto institucional para o Prodocência

Literatura; Português/Inglês; Pedagogia; História; Geografia; Matemática e Ciências Biológicas. A Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), em Duque de Caxias, está representada pela licenciatura em Matemática.

Segundo a coordenadora do projeto, professora Maria de Fátima Teixeira Gomes, do Instituto de Química, o objetivo é integrar e consolidar os cursos de formação de professores, ao identificar e minimizar as dificuldades normalmente encontradas pelos licenciandos na prática educacional, especialmente no acesso a recursos, material didático e vivência da realidade escolar. “A maior parte dos alunos só tem contato com as escolas durante o estágio curricular. Estamos propondo ampliar este convívio para estabelecer relações entre os conteúdos acadêmicos e os referenciais teóricos associados aos processos de ensino e aprendizagem”, enfatiza a coordenadora. Ela observa ainda que o projeto irá aprimorar a

articulação entre ensino, pesquisa e extensão ao permitir que a prática dos alunos resulte em outras investigações científicas, por meio da produção de novos materiais didáticos. “Eles podem aplicar os seus conhecimentos ao mesmo tempo em que descobrem novas necessidades e criam o próprio material de trabalho”, explica.

Valorização da docência

Para a Sub-reitora Lená Medeiros de Menezes o maior crédito é a retomada do processo de valorização da formação docente. “Há duas coisas importantíssimas neste projeto. A primeira é a revitalização da Licenciatura, que muitas vezes acaba negligenciada diante das demais formações profissionais. A segunda é o fato de que a Universidade tem um projeto conjunto, unindo licenciaturas diferentes. Isso é fundamental, porque permite uma troca de experiências e uma aproximação capaz de fortalecer estes cursos”, diz a Sub-reitora.

do Leste Fluminense, beneficiado com o Prodocência 2008, a ser concluído em dezembro. “Conquistar um incentivo como este dá materialidade à licenciatura, ou seja, oferece recursos para que os docentes e os licenciandos produzam material didático e possam, de fato, dialogar constantemente com as escolas”, reforça a professora.

De acordo com o planejamento do projeto, o recurso financeiro a ser liberado pela Capes será aplicado entre outubro de 2010 e outubro de 2012. Cada licenciatura receberá parte do valor para comprar produtos necessários na produção de material didático e na consolidação de laboratórios de ensino voltados ao desenvolvimento de atividades de pesquisa e de docência. Entre os resultados esperados está a organização de dados e de indicadores de avaliação dos três cursos envolvidos, além da realização de três oficinas regionais.



A coordenadora do projeto Interação Universidade-Escola, Maria de Fátima Gomes

Extensão

Laboratório de Telessaúde cumpre função educativa

Um dos grandes méritos da ciência é eliminar as distâncias. Algumas evoluções – que começaram ainda no século XIX, como a descoberta dos raios-X – revolucionaram a Medicina, entre outras áreas da ciência. O uso da imagem para diagnósticos resultou no surgimento da ultrassonografia, da tomografia computadorizada e da ressonância nuclear magnética. O poder da imagem teve seu ápice durante a corrida espacial na década de 60, em que uma das mais destacadas descobertas científicas deixou de ser ficção: a saúde dos astronautas no espaço era monitorada por médicos na Terra. Nascia assim, em um período de disputa bélica entre ideologias políticas e econômicas, um dos mais importantes usos das inovações tecnológicas – o tratamento médico à distância.

O que talvez possa parecer ficção aos hospitais públicos brasileiros é realidade no Laboratório de Telessaúde da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Com vários projetos a distância de educação e atenção à saúde, o Laboratório organiza teleconferências e teleassistências que garantem à UERJ a condição de aglutinadora de profissionais da área de saúde que, dessa forma, mantêm sua eficácia em casos de diagnósticos complexos.

Entre os principais projetos desenvolvidos pelo Laboratório da Universidade está o Telessaúde Brasil, programa do governo federal presente em nove estados brasileiros. Por contar com laboratório de ponta e ter experiência desde 2003 na área de Telemedicina, a UERJ é o núcleo no estado do Telessaúde Brasil, ao concentrar em 74 dos 92 municípios fluminenses o atendimento aos profissionais do programa de Estratégia de Saúde da Família.



O Laboratório de Telessaúde organiza teleconferências e teleassistências que possibilitam maior eficácia em casos e diagnósticos complexos

Para a coordenadora do Telessaúde UERJ, Alexandra Monteiro, o laboratório cumpre a função primordial da Universidade, que é a de educar. Cada uma das aéreas tem um coordenador que define a programação de aulas e palestras por temas afins à saúde da família nas áreas de Medicina, Enfermagem, Odontologia, Nutrição, Geriatria e Fisioterapia, entre outros. Os profissionais têm a oportunidade de fazer cursos de aperfeiçoamento a distância, com uma programação diária que pode ser acessada de computadores pessoais ou diretamente pelas videoconferências ao vivo. Entre junho de 2009 e junho de 2010 foram realizadas mais de 270 aulas nessa modalidade. Os certificados, emitidos pela Sub-reitoria de Extensão (SR-3), garantem acesso à qualificação e ao aprimoramento profissional. “A saúde evolui e o profissional, esteja onde estiver, precisa evoluir também. A nossa função é criar condições para o ensino, justamente para que não fique estagnado”, enfatiza a coordenadora.

Entre junho de 2009 e junho de 2010 foram realizadas mais de 270 aulas de cursos de aperfeiçoamento a distância

Outro destaque do laboratório da UERJ nessa área é o trabalho contínuo de 2ª opinião formativa. Alexandra Monteiro explica que o auxílio nos diagnósticos mais difíceis em pacientes nos municípios assistidos é um desdobramento da educação à distância. Os profissionais com dificuldades em diagnosticar pacientes acessam uma rede ligada ao Laboratório e são auxiliados por outros profissionais. “As respostas são sempre acadêmicas porque nosso objetivo é que cada uma das avaliações sejam formativas e façam parte

de um grande banco de dados para uma biblioteca virtual”, diz Alexandra Monteiro. A eficácia da 2ª opinião formativa nas cidades conectadas ao Rio de Janeiro pode ser medida pela redução de aproximadamente 40% dos encaminhamentos de pacientes em outras cidades desde o começo do projeto. Em 75% dos casos foi possível resolver os diagnósticos e o tratamento a distância.

A expectativa é de que em breve todos os 92 municípios do estado sejam atendidos pela UERJ. Além desses, também está em conexão com a Universidade a Escola Técnica de Enfermagem Izabel dos Santos, de Roraima, que se conecta ao núcleo do Rio de Janeiro porque Roraima não é um dos locais contemplados pelo Telessaúde Brasil. Este está presente em outros oito estados: Amazonas, Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Santa Catarina, Ceará e Goiás.

Além do Telessaúde Brasil, a coordenadora Alexandra Monteiro destaca que o Laboratório Telessaúde UERJ tem

outras frentes de ação na área de atenção permanente, como o TeleRX, projeto voltado para o envio de radiografias. As imagens são escaneadas e podem ser enviadas para o Laboratório e analisadas pela 2ª opinião formativa. Embora ainda seja um projeto acadêmico para atendimento básico, ela nota que “é uma solução de baixo custo. Um scanner para radiografias custa em torno de US\$ 10 mil, mas conseguimos um software desenvolvido em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro que possibilitou o envio por um scanner comum”.

A inovação tecnológica é tão importante para o Laboratório que começa agora a desenvolver o projeto de um hospital virtual em parceria com o Laboratório Nacional de Ciência da Computação. A ideia é que aulas e vídeos sejam reunidos em plataformas educativas com acesso diferenciado para pacientes, alunos e professores. A proposta é mostrar como realmente funciona um hospital, por meio de uma interface interativa e dinâmica.